

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS-CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUESA

DÂMARIS DE ALMEIDA FERREIRA HIPÓLITO

**NAS MARGENS DO CAIS, NAS MARGENS DA VIDA: o discurso em torno da
prostituição na obra Beira Rio Beira Vida de Assis Brasil.**

PICOS-PI

2014

DÂMARIS DE ALMEIDA FERREIRA HIPÓLITO

**NAS MARGENS DE CAIS, NAS MARGENS DA VIDA: o discurso em torno da
prostituição na obra Beira Rio Beira Vida de Assis Brasil.**

Monografia
realizada como parte das exigências
para obtenção do título e graduado no
Curso de Licenciatura Plena em Letras
na UFPI, *Campus Senador Helvídio
Nunes de Barros*, sob a orientação do
Prof. Welbert Feitosa Pinheiro.

PICOS-PI

2014

Ficha Catalográfica

F383m Ferreira, Dâmaris de Almeida.

Nas margens do cais, nas margens da vida: o discurso em torno da prostituição na obra Beira rio beira vida de Assis Brasil / Dâmaris de Almeida Ferreira – 2014.

CD-ROM: il.; 4 ¼ pol. (31 f.)

Monografia (Licenciatura Plena em Letras-Português) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

Orientador (A): Prof. Welbert Feitosa Pinheiro.

1. Literatura Brasileira. 2. Beira rio beira vida-Obra. 3. Literatura Piauiense. I. Título.

CDD B869. 3

DÂMARIS DE ALMEIDA FERREIRA

**NAS MARGENS DO CAIS, NAS MARGENS DAVIDA: O DISCURSO EM TORNO DA
PROSTITUIÇÃO NA OBRA “BEIRA RIO BEIRA VIDA” DE ASSIS BRASIL.**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Plena em Letras, como
pré-requisito para a obtenção do
grau de Licenciatura em
Letras/Português.

Banca Examinadora

Welbert Feitosa Pinheiro

Prof. Welbert Feitosa Pinheiro - Orientador
Universidade Federal do Piauí - UFPI.

Cristiane Feitosa Pinheiro

Ms. Cristiane Feitosa Pinheiro
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Fernanda Martins Luz

Ms. Fernanda Martins Luz
Universidade Federal do Piauí

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, meu esposo e a todos que diretamente ou indiretamente me ajudaram a chegar ao fim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo fôlego de vida e por me dar a oportunidade de concluir mais uma etapa de minha vida, pois sem ele não teria chegado até aqui.

Ao meu esposo Erasmo, pela paciência e compreensão durante os momentos mais difíceis da minha vida e por me entender quando mais precisei.

A minha família: Ester(mãe), Antônio(pai), Etâ(irmão) e Débora(irmã) pelas palavras de incentivo e por fazerem parte de mim.

Aos colegas de sala de aula: Elaíne, Vandelma, Kelveny, Edilson e Jonielson. Finalmente, ao meu querido orientador Prof. Welbert pela confiança e apoio durante a confecção desse trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresentará um estudo literário da obra *Beira Rio Beira Vida*, de Assis Brasil. Procurando interpretar, assim, a partir do discurso compreender as ideologias e o humano que lá existem, para tal analisar-se-á o perfil das personagens Cremilda, Luíza e Mundoca; e o discurso em torno da prostituição: nas margens do cais (parte baixa) nas margens da vida (parte alta) de Parnaíba. Far-se-á ainda uma análise do surgimento das prostitutas, a forma como viviam as prostitutas e a prostituição na obra. Com o intuito de revelar o humano presente na obra estudada, para tal, a metodologia adotada será de cunho analítico, onde através das leituras da obra e da bibliografia obtida para o embasamento teórico, serão colhidos dados que abordam o tema. A obra estudada faz parte do Modernismo, movimento literário caracterizado pela representação do meio social, a caracterização do humano. Será utilizada para esta discussão como referência teórica: Mikhail Bakhtin (1975), Michel Foucault (2000) e Antônio Candido (2000). O livro é construído como um desses grandes espelhos que se constituem de pequenos retângulos, e por isso refletem melhor a sociedade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. CONCEITOS LITERÁRIOS.....	12
2.1 Discursividade.....	13
2.2 Linguagem.....	56
3. ANÁLISE DA OBRA.....	19
3.1 As prostitutas.....	19
3.2 As personagens: Cremilda, Luíza e Mundoca.....	23
3.3 A prostituição na obra.....	27
4. METODOLOGIA.....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
6. REFERÊNCIAS.....	31

1. INTRODUÇÃO.

A proposta desde trabalho é fazer uma análise sob uma perspectiva de leitura que visa a prostituição presente na obra Beira rio, Beira Vida de Assis Brasil. A análise será feita com intuito de discutir como a prostituição foi o fator imprescindível para compreender todo contexto da época e o desenrolar das personagens principais: Cremilda, Luíza e Mundoca.

Para este trabalho traçamos os seguintes objetivos que seriam passos dados no intuito de montar todo estudo baseando - se na obra. O primeiro seria identificar os discursos em torno da prostituição, contidos na obra Beira rio beira vida, como também, o segundo foi traçar o perfil e a representação das personagens: Cremilda, Luiza e Mundoca e por fim, mostrar o discurso da sociedade parnaibana em torno da prostituta.

A preferência pela obra foi a partir da reflexão, feita sobre obras literárias com romances e estudos sobre o movimento literário e suas fases, principalmente o Modernismo. Ao trabalhar com a literatura e realidade, considerados como eixo central de grande relevância social e cultural, percebe-se a necessidade e emergência de estudar o tema escolhido, pois também há poucos trabalhos na área de literatura com obra piauiense.

A obra foi escrita em 1965 e vencedora do premio nacional Walmap do mesmo ano, foi o romance da Tetralogia Piauiense mais reconhecido pela critica. Uma obra que possui mais de cem publicações e diversos prêmios literários. É um romance que evidencia a prostituição, o preconceito social urbano, a opressão humana, a marginalização do homem, a busca de liberdade, a luta dos marinheiros de água doce.

Beira Rio Beira Vida, o mundo das prostitutas do cais de Parnaíba, é apresentada sob o ponto de vista feminino, através das recordações de uma das vítimas dessa vida de exploração e humilhação. Beira Rio Beira Vida denuncia um mundo em que as oportunidades são praticamente nulas para quem nasce em determinada condição sócio-econômica.

Em Beira Rio Beira Vida a narrativa apresenta aspectos profundamente renovadores. Os “impactos” sensacionalistas e os “mistérios” que costumam

orientar o romance tradicional foram abandonados por um processo novo, onde os acontecimentos são montados com simplicidade, num espaço onde os conflitos da vida retratam fielmente a existência comum das mulheres marginais da beira-rio, sem os cordões de marionetes que o romance tradicional costuma utilizar.

Centrado em Luíza, uma prostituta do cais de Parnaíba, relembrando as histórias de sua vida e da cidade, Beira Rio Beira Vida utiliza o drama particular de uma personagem para descrever um painel de miséria e desigualdade social. Luíza analisa seu passado no intuito de encontrar um sentido para tudo que viveu expiar a culpa de seus erros e livrar a filha Mundoca do mesmo fardo. CUNHA (1979, p.133-135) diz que:

Beira Rio Beira Vida causa um impacto pela sua qualidade. Tem inclusive uma virtude cada vez mais rara na ficção moderna: a humildade criadora. Assis Brasil não impõe a seus personagens as regras do jogo (...). É uma ironia que, numa época em que tantos poetas e ensaístas brasileiros se arrogaram a formulação de uma literatura popular e de revolta, seja Beira Rio Beira Vida o único livro autêntico dentro dessa ordem de ideias. O diálogo direto, a linguagem alusiva, a miséria vista pelos miseráveis e não pelos seus patronos intelectuais.

O autor desta obra é Francisco de Assis Almeida Brasil, descrito pelos amigos mais próximos como homem simples de baixa estatura, romancista, ensaísta, crítico literário, crítico e professor, este é o Assis Brasil.

Natural de Parnaíba, no Piauí nasceu em 18 de fevereiro de 1932, o seu primeiro texto foi aos 15 anos de idade quando morava na capital do estado do Ceará, em Fortaleza, a qual foi com sua família morar no ano de 1943. Então no ano de 1949 mudou-se para o Rio de Janeiro, cidade em que teve a oportunidade de atuar em outros empregos, tais como: oficial administrativo, redator do setor de propagandas numa loja, e auxiliar numa imobiliária. Em 1961 abandonou o cargo que tinha como crítico literário profissional do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, a partir de então escreveu para outros jornais, traduziu ensaios e contos, fez crítica aos cinemas, e lecionou na Escola de Comunicação da Universidade do Rio de Janeiro.

A sua consagração como escritor definitiva, veio em 1965 com o premio Walmap, que seria entregue novamente dez anos seguintes, ele assim se tornou o único escritor brasileiro a ser consagrado duas vezes com essa importante premiação. Assis Brasil ganhou outros prêmios, passou a dedicar-se a literatura a ponto de atingir cem publicações no ano de 1998.

Ao sintetizar os mais diversos escritos deste autor, Foggetti (2006, p.10) diz que: “Assis Brasil trabalha sua escrita, sabe os resultados que quer obter, calcula os efeitos que vai causar, enfim é um planejador de sua literatura”. E sobre o crítico Assis Brasil, segundo Moura (2005, p.13) afirma que:

Os brasileiros devem orgulhar-se de sua inteligência, capacidade e operosidade, do trabalho que faz para que a literatura cresça e prospere, (...) Numa época de dificuldade econômico-financeira, como a que atravessamos, é um milagre tanto estímulo tanto para escrever, para publicar, e existir quem dispense tanta atenção como Assis Brasil dispensa á literatura e aos demais colegas.

Para que fizéssemos a análise da obra Beira Rio Beira Vida, era preciso conhecer em qual fase literária ela esta contida. E segundo a suas características, ela se encaixa no Modernismo.

O modernismo foi o movimento literário que buscava uma nova estética nas obras de arte. Essa nova estética defendia a criação do verso livre, uma linguagem coloquial, ou seja, uma linguagem que se aproximasse ao máximo do povo Brasileiro. O modernismo também, foi um movimento que visava desligar a cultura Brasileira da Europeia. Em outras palavras, os autores desta época tentavam criar a identidade nacional Brasileira, onde a figura do índio representando a cultura do Brasil fosse o panorama dessa identidade.

As principais características do modernismo no Brasil foram: a busca por melhores formas de desfazer das “marcas antigas” e substituir por novas formas, possivelmente melhores, de chegar ao progresso; os modernistas queriam que as pessoas se adaptassem as suas visões de mundo aceitassem que o novo era bom e belo, tentavam se desprender ao máximo das heranças do Parnasianismo e como também revolucionar as artes plásticas, a literatura, o design e ate mesmo a organização social.

De forma simples, porém criativa, com uma linguagem piauiense percebemos que o autor Assis Brasil no livro *Beira Rio Beira Vida* em estudo, critica a sociedade de sua época, rompendo com certas modas do momento suas personagens vivem por si só, como se não fossem personagens. Na obra há um desmascaramento da verdade, ou como diz Foucault é uma “reverberação de uma verdade”.

Portanto, estudar a obra Assis Brasil é essencial para interpretar o discurso compreender as ideologias, sendo a literatura um reflexo da sociedade, daquela época.

Em *Beira Rio Beira Vida* a prostituição é uma forma de comportamento mostrado como comum. A palavra prostituição chega a ser vista negativamente, já que uma das personagens não procura seguir tal tradição. Assim sendo, estudar tal problemática foi desafiante, já que para compreender o que há presente nas entrelinhas do texto, foi preciso uma leitura crítica do que essas personagens têm a dizer por meio de seus discursos, e por meio da análise da obra bem como de fontes bibliográficas, relacionamos as informações, nas quais compõem a monografia.

Todo o trabalho segue a seguinte estrutura. Depois da introdução acima temos, no segundo capítulo: abordagens teóricas: literatura, romance e discurso, que são elas: Literatura: conceitos, Romance e discurso, Linguagem literária e Dialogismo e polifonia. O terceiro capítulo contém análise da obra: As prostitutas; As personagens: Cremilda, Luíza e Mundoca e A prostituição na obra. Para o quarto e penúltimo capítulo temos metodologia do trabalho, a qual mostra os passos que foram dados para na por fim conclusão seguida das referências deste estudo.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o discurso em torno da prostituição na obra *Beira Rio Beira Vida* (1965) de Assis Brasil. Será utilizada para esta discussão como referência teórica de Mikhail Bakhtin (1975), Michel Foucault (2000) e Antonio Candido (2000).

2. CONCEITOS LITERÁRIOS

O percurso abordado neste primeiro capítulo fará algumas definições sobre literatura, romance, teoria da literatura, linguagem literária e o discurso do romance com base nos estudos literários.

A literatura pois, está diretamente ligada à vida social. Em outras palavras, ela é criada dentro de um contexto, numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de certa maneira; portanto, ela carrega em si as marcas do contexto.

Culler (1999, p.34), entende a literatura como:

é um ato de fala ou evento textual que suscita certos tipos de atenção. Contrasta com outros tipos de atos literaria de fala, tais como dar informação, fazer perguntas e fazer promessas. Na maior parte do tempo, o que leva os leitores a tratar algo como literatura é que eles a encontram num contexto que a identifica como literatura: num livro de poemas ou numa seção de uma revista, biblioteca ou livraria.

Culler (1999) chama a atenção para elementos que seriam diferenciadores do texto literário, que fariam com que a fala cotidiana não fosse considerada literatura. A literatura mereceria uma atenção especial de seus leitores. O seu caráter ficcional, por exemplo, possibilita que os leitores tenham uma relação diferente com o mundo. Ao ler um texto literário, sabemos que estamos em contato com um evento linguístico que projeta um mundo ficcional que inclui falantes, atores, acontecimentos e um público implícito.

Por se tratar de uma obra romanesca, observa-se que o romance é um gênero que se soube abarcar, como nenhum outro, o confronto dos discursos sociais, a partir dos quais se torna possível representar a inadequação do homem consegue mesmo e com o destino.

2.1 Discursividade

Trazendo o estudo sobre a importância do romance Bakhtin (1982, p.235) afirma que o romance, como toda forma épica, deve oferecer uma imagem totalizadora do mundo e da vida, deve refletir todo o mundo e toda a vida.

Claro que, nesse momento, Bakhtin formula uma noção que atende a propósitos determinados. Quer dizer, “forma épica” não é uma forma acabada,

mas a “forma” ampla da polifonia discursiva, da imagem da linguagem e da representação de um grande tempo. Citação de Bakhtin colocar

Estudar o discurso do romance seria, então, estudar as formas de transmissão do discurso do outro. Pois o romance é, igualmente, um retrato falado do homem de ideias. Por isso, o romance não opera apenas com a imagem do homem, mas, sobretudo com a imagem de sua linguagem. Ou seja, o romance é um gênero oral que representa o homem que fala em nome de um sistema de conversas e debates de ideais.

Ainda conforme Barthes (2007, p.170):

Discurso literário: é um discurso no qual se acredita sem acreditar, pois o ato de leitura se funda num torniquete incessante entre dois sistemas: vejam minhas palavras, sou linguagem; vejam meu sentido, sou literatura. dialogar com a citação

A leitura do romance oferece ao leitor suporte para refletir o todo social, a maneira como a própria sociedade está montada e organizada. E assim perceber que, a sociedade que nos cerca já foi diferente do que é hoje, e que pode e deve mudar ainda mais; que muitas coisas que julgamos impróprias não são erradas, mas apenas condenadas pelo estado atual dos valores sociais.

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. Segundo Cândido (2009, p.54, 55 e 59-60):

A personagem vive o enredo e as idéias, e os torna vivos [...] é um ser fictício [...] A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os comparamos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante no modo-de-ser das pessoas.

Além de Cândido, outro autor que faz uma abordagem a respeito da personagem é Reis (1999), o qual afirma (p. 360-361):

Uma personagem é, pois, o suporte das redundâncias e das transformações semânticas da narrativa, é constituída pela soma das informações facultadas sobre o que ela é e sobre o que ela faz [...] A personagem é localizável e identificável pelo próprio nome, pela caracterização, pelos discursos que enuncia, etc.

Com isso, a personagem continua sendo vista como um ser antropomórfico cuja medida de avaliação ainda é o ser humano. As personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção. A construção de personagens obedece a determinadas leis, cujas pistas só o texto pode fornecer.

As ideias de Cândido, baseadas num pressuposto sociológico sobre literatura passam sempre pela relação que a literatura estabelece com a sociedade onde surge. O conhecimento de como esses elementos se relaciona dinamicamente no tempo pode ajudar a compreender os caminhos através dos quais a literatura vai se construindo e se constituindo, enquanto expressão de uma sociedade. Disso discorre Cândido (2000, p.139)

A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e imobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de momento, para chegar a uma “comunicação”.

2.2 Linguagem

A linguagem literária é eminentemente conotativa. O texto literário resulta de uma criação, feita de palavras. É do arranjo especial das palavras nessa modalidade de discurso que emerge o sentido múltiplo que a caracteriza. Nesse contexto a literatura se abre, então, plenamente, á criatividade do artista, a literatura por sua própria natureza, levou à abertura de caminhos renovadores; com isso permite que cada um de nós compreenda, sinta e julgue uma obra de acordo com suas possibilidades de compreensão, com seu tipo de sensibilidade e sua capacidade crítica.

Como afirma Barthes (1979, p.16):

A literatura está penetrada de socialidade, os materiais que utiliza provêm essencialmente da sociedade. Torna-se inconcebível escrever o texto mais íntimo sem que por ele, de uma maneira ou de outra, passe a história e, portanto, a sociedade com suas divisões, seus conflitos, seus problemas.

A crítica literária verifica fatos internos (personagens, estruturas), interpreta-os, verifica seu grau de verdade, seu valor e confere fatos “externos”, como a sociedade, a história. Em 1963 o crítico francês Roland Barthes disse: “a crítica faz a descoberta, verificação dos fatos, a busca dos sentidos (que resistem e fogem), as semelhanças e diferenças, os modelos. A crítica deve tornar a obra clara, verificando sistemas e funções”.

A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, levando em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar na obra, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; a propósito é feita esse tipo de análise, para explicar a estrutura da obra e o seu

teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós. Esse efeito é gerado pela linguagem literária em cada leitor, como nos ilustra (BONNICI, ZOLIN e OZANA, 2003, p.28):

A linguagem literária é traduzida em outras linguagens, aguçando o senso crítico e a criatividade de leitores, espectadores e ouvintes. Em contato com essas diversas leituras, o público encontra sugestões para suas próprias produções de significados. Nesses casos discussões acerca da fidelidade ao texto literário cedem espaço a considerações sobre traduções de uma linguagem para outra.

Implica dizer que cada leitor apresenta sua maneira de ver a realidade e, portanto, critica a realidade. Pois a cada nova leitura, surge uma experiência nova, ou seja, o leitor é quem dá sentido e faz a máquina preguiçosa funcionar, assim o texto literário não diz, mas, não podendo dizer, sugere. Pode-se recorrer a elementos dentro do texto e fora dele para comprovar um ponto de vista, ele possibilita várias leituras em um mesmo texto.

Segundo Foucault (2000, p.140):

A linguagem é o murmúrio de tudo que é pronunciado e, ao mesmo tempo, o sistema transparente que faz com que, quando falamos, sejamos compreendidos; em suma, a linguagem é tanto o fato das palavras acumuladas na história quanto o próprio sistema da língua.

Assim, o homem é um ser social, que estabelece relações com seus semelhantes e com o mundo que o cerca através da linguagem (da palavra). Poder-se-ia mesmo afirmar que o homem é um ser de linguagem.

Nesse sentido, utilizou-se dois conceitos de Bakhtin que teve importante contribuição para este trabalho: o dialogismo e a polifonia. O dialogismo parte do princípio linguístico segundo o qual todo ato de linguagem sempre leva em conta a presença, ainda que invisível, de alguém para quem se fala ou escreve.

Ora, se tudo o que se diz ou escreve é criado tendo em vista, ainda que subconscientemente, um interlocutor, então todo ato de linguagem participa, mesmo que num grau pequeno, da intenção de convencer, de persuadir o ouvinte leitor; e também prevê, ou imagina prever, a(s) possível (is) reação (ões) desse ouvinte leitor. Isso constituiria um diálogo, pois o ato de linguagem já traria

embutido em si próprio toda cadeia de respostas, críticas e comentários do interlocutor, e já tentaria responder a essa cadeia antes de ela ser enunciada.

Por isso o diálogo não acontece apenas num nível pessoal, entre leitor e obra; ele também acontece num plano mais amplo, onde o leitor atua como representante de certas instituições, com suas maneiras específicas de ver o mundo, e dialoga com a mundivisão (ou as mundivisões) representada(s) na obra. Pois o leitor diante da realidade (física ou psicológica) apreende-a e compreende-a segundo a sua capacidade intuitiva e, assim, forma, em seu espírito, uma interpretação da realidade.

O próprio conceito de dialogismo surge durante o processo de investigação filosófica em que Bakhtin procura compreender os vínculos entre a mente e o mundo, segundo o neokantismo. Bakhtin situa a noção do dialogismo como fenômeno elementar do discurso romanesco e de toda relação que o homem mantém com o mundo através da linguagem. Por ser um método de sistematização do conhecimento, de ordenação das partes num todo e de construção da percepção, o dialogismo se fundamenta não só como categoria estética, mas também como princípio filosófico que orienta um método de investigação.

Em termos de teoria o dialogismo é a possibilidade de entender o discurso literário como a representação de um discurso dentro de outro discurso, ou seja, por trás do discurso enobrecido do narrador esconde-se o discurso vulgar do personagem. O discurso é capaz de matizar a expressão com indícios deste contexto vivencial e deixar ressoar o que não é verbalizado. Assim, a vida se torna expressão através do discurso.

Bakhtin (1975, p.88; 91) confirma:

O discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógica.

Somente através do diálogo é possível nascer a expressão, a opinião do outro segundo a teoria baktiniana; como saber o que acontece ao redor se não houver comunicação se torna impossível haver discurso. É preciso ler um

discurso de outrem para parti-la deste e criar seu próprio discurso. Este por sua vez não é “virgem”.

Portanto, querer entender o romance fora dessa dialogia interna é reduzir a linguagem romanesca a meras indicações cênicas, perspectiva totalmente avessa ao problema central da prosa romanesca, vale repetir, o discurso bivocal internamente dialogado. Dialogismo é, assim, um fenômeno que se articula a partir da representação da voz não apenas dos personagens, mas de estilos, de épocas, de grupos sociais.

À luz do dialogismo, Bakhtin pode enfrentar o paradoxo de um discurso que, embora só existisse enquanto forma escrita e cuja apreensão só seja possível através da leitura, escolheu como objeto de representação o homem como ser da linguagem, o que justifica o conceito de romance como representação do homem que fala, que expõe e discute ideias. O teórico reconhece que o romance surge para representar a vida cotidiana através da representação do homem e sua linguagem.

Dessa generalizados forma a polifonia, por relacionar-se ao enunciado e ao discurso, dá-se como um acontecimento de múltiplas vozes, em que estas vozes são sempre nomeadas, particularizadas, ainda que esses nomes sejam por vezes generalizados. Bakhtin considera o romance polifônico como possibilidade estética de um gênero que desenvolveu formas heterogêneas e em constante devir. É desse modo que o romance polifônico pôde se oferecer como conversa e discussão. Pois segundo Bakhtin (1981, p. 237):

[...] a criação do romance polifônico um imenso avanço não só na evolução da prosa ficcional do romance, ou seja, de todos os gêneros que se desenvolvem na órbita do romance, mas, generalizado, também na evolução do pensamento artístico da humanidade.

Dessa forma o texto literário permite ao leitor interagir a ficção com a realidade, pois à medida que se emerge nesse mundo ficcional percebe-se a verrossilhança do real (o palpável), se podemos assim chamar.

A literatura permite-nos passear nos boques da ficção e tornamo-nos leitores modelos quando trilhamos esses caminhos dos quais o texto nos fornece; mas muitas vezes não são visíveis, é preciso está atento para conseguir

preencher as lacunas que existem ao longo desse percurso. Vemos que, por exemplo, reticências significam no texto literário estão ali propositalmente para o leitor continuar a história.

No decorrer do curso de Letras, me deparei com uma obra onde existia uma página em branco e agora o que vou fazer pensou comigo? Não tinha a experiência que tenho hoje, graças à literatura; “a névoa” foi tirada dos olhos.

3. ANÁLISE DA OBRA.

3.1 As Prostitutas no passado. Fazer citação dois ou três trabalhos sobre a obra em análise BRBV

Mulheres que surgem de lares fragmentados, onde a perda precoce de um dos pais ou de ambos e se sentem privadas do apoio do conjunto salarial. São levadas à prostituição, pra fugir de famílias onde enfrentam abuso sexual por homens de sua própria família, desprezo por parte dos pais, alcoolismo e outros tipos de opressão e infortúnio. Rago (1985, p.87) afirma:

Evidentemente, a mulher pobre que se prostitui é associada à imagem da criança ou do selvagem que necessita dos cuidados do Estado e das classes dominantes na condução de sua vida. Imatura, ela é uma pessoa desorientada que se perdeu na vida e que precisa dos socorros dos especialistas para reconhecer o bom caminho e reintegrar-se na sociedade.

A prostituição quase sempre teve relações carnis com o poder. Desde a antiguidade mais remota do período histórico e patriarcal, pode-se dizer que as prostitutas tiveram maior influência na sociedade do que as mulheres consideradas de respeito. Por exemplo, enquanto as mulheres comuns eram analfabetas, as prostitutas eram inteligentes e letradas. Roberts (1998, p.28) afirma que:

As prostitutas também conseguiram manter sua autonomia sexual e econômica e continuaram a resistir à domesticação, mas faziam diante de leis cada vez mais duras e punitivas. Sua sexualidade rebelde e não dependência de um dono era uma ameaça óbvia à autoridade patriarcal - como tem sido desde então.

As prostitutas eram e são mulheres interessantes - foram as primeiras a dizer “Não” ao domínio patriarcal. O modelo de feminilidade, a esposa-dona-de-

casa-mãe-de-família, afetiva, mas assexuada, abnegada, honesta, pura é totalmente deixado de lado. Como aborda Rago (1985, p.89):

A prostituta é aquela que, ao contrário de seus desejos libidinosos e devassos. Ela “tem um andar, um sorriso, um olhar, uma atitude que lhe são próprios; é preguiçosa, mentirosa, depravada, extremamente simpática ao álcool, despreocupada do futuro, e muitas vezes destituída de senso moral”. Antítese da esposa honesta, a mulher da vida tem um “apetite sexual exaltado, (...) inato e incontido, que leva a precocidades, por vezes fantásticas, na prática de perversões ou mesmo do coito”.

Porque ao contrário da “mulher normal”, constituída como mãe-natureza, totalmente transparente, a prostituta é opaca ao olhar científico masculino, podendo ser lida e identificada apenas por sua aparência: pelos cheiros, roupas, maquilagens, gestos, signos que ocultam qualquer interioridade. “Mulher pública”, a prostituta foi percebida como uma figura voltada para o exterior, mulher do mundo sem vínculos nem freios, ao contrário da mãe, toda interioridade, confinada no aconchego do espaço privado. Rago (1991, p.38):

A “mulher pública” era visualizada como a que vendia o corpo como mercadoria: como vendedora e mercadoria simultaneamente. Como a mulher que era capaz de sentir prazer, que era lugar de prazer, mesmo sem amar, ou sem ser amada. Ela simbolizava, assim, a fragmentação do sujeito moderno e a separação radical entre o erótico e o amor.

A profissão da prostituição é tão antiga quanto a história (patriarcal), as primeiras prostitutas eram sacerdotisas do templo, que pessoas adoravam através de antigos ritos sexuais. A prostituição sagrada foi na verdade a tradição do ritual sexual que persistiu desde a Idade da Pedra para se tornar parte integral da adoração religiosa nas primeiras civilizações do mundo.

A Grande Deusa, conhecida inicialmente como Inanna e mais tarde como Ishtar, que detinha o poder durante todo o nascimento e o berço da civilização do antigo Oriente Médio até cerca de 3000 a.C ;e onde ela era adorada. Roberts (1998, p. 23): “Com a própria Ishtar identificada como uma prostituta, e com as prostitutas-sacerdotisas sendo membros dos templos que ainda eram o centro do poder religioso, político e econômico na Mesopotâmia, o *status* das prostitutas era elevado”.

Eram as sacerdotisas *entu* que realizavam o ritual do “casamento sagrado” de reis e sacerdotes. Alguns historiadores acreditam que a cerimônia remonta a 6500 a.C., uma época em que os homens e as mulheres ainda viviam

em harmonia. A cerimônia do casamento sagrado tinha o propósito de expressar esta harmonia de uma forma ritualizada, pois anualmente a deusa e seu filho amante celebravam sua união sexual e espiritual. As *entu* deveriam ser consideradas em pé de igualdade com os principais sacerdotes homens. Roberts (1998, p.24):

As *entu* vestiam roupas que as distinguiam; uma touca com a aba levantada, uma roupa que envolvia todo o corpo, jóias e um bastão – os mesmos emblemas e trajes usados pela governante. Viviam no interior do local sagrado, cuidavam do funcionamento e dos afazeres do templo e realizavam funções rituais e cerimoniais.

Em segundo lugar na linha das *entu* da Babilônia estava as *natidu*, outro grupo de mulheres bem nascidas que conseguiam privilégios especiais em troca de suas atividades no templo. Na teoria, as *natidu* eram proibidas de se casar ou ter filhos; na prática, faziam as duas coisas impunemente. As *entu* e as *natidu* eram inquestionavelmente as sacerdotisas de posição mais elevada; abaixo delas estavam as *qadishtu* (literalmente, mulheres sagradas) e as *ishtaritu*, cujas vidas e trabalho eram especificamente dedicados ao serviço da deusa Ishtar. Muitas destas mulheres especializaram-se como cantoras, instrumentistas e dançarinas.

Diferentemente das deusas da antiguidade, as prostitutas em Beira Rio Beira Vida são a vergonha da sociedade parnaibana; eram para serem tratadas como animais e não reverenciadas como essas mulheres citadas anteriormente. As prostitutas trabalhavam como homens fazendo serviços que exigiam bastante força braçal como ,por exemplo, a velha Cremilda quando conseguiu o pilador de arroz ; nas cheias do rio Parnaíba eram dias de muita labuta sem folga e mesmo assim nas noites tinham que se deitar com aqueles marinheiros nojentos.

“A rede de varanda bordada era dela agora, robe florido, o leque perfumado – nova rainha no trono.”

Essa é uma das epígrafes do livro Beira Rio Beira Vida, confirma que o legado era passado de mãe para filha, porém uma personagem chamada Mundoca vem quebrar esse ciclo de prostituição. Ela não tinha interesse em nada, não reclamava, nem sonhava e nem fazia projetos. A voz social dentro da

obra é um grito humano daqueles que assistem a tudo de camarote e simplesmente dizem “sim” são os conformados.

Mundoca não brinca com Ceci, testemunha silenciosa da desgraça da família. Ao desprezar o brinquedo vemos a quebrar da sina de prostituição, a menina abandona o passado. Seus interesses eram ser “fino” da cidade, trabalhar como as outras moças de família, ser aceita pro todos mesmo vivendo à margem do cais (parte baixa) de Parnaíba. Brasil (2012, p. 57):

Mundoca não se interessava por marinheiros, jamais conheceria Nuno, jamais esperaria de barriga grande- não sofreria aquele sofrimento terno, aquela saudade boa, o choro de uma infelicidade doce.

Sua mãe Luíza vivia contando histórias de sua vó Cremilda, tentando de certa forma despertar algum interesse na filha pela profissão, mas não adiantava Mundoca fazia ouvido de mercador, saia rio afora só voltava à noitinha e ouvia os gritos da mãe gargalhadas às vezes de alegria ou dor não entendia, mas de uma coisa tinha certeza não queria aquela vida. Mais como fugir se era como uma teia de aranha, quanto mais se tentava escapar mais se enfiava, parece que o destino era a prostituição.

Portanto, as prostitutas foram e ainda hoje são mulheres ousadas; mas que na década de 30 não podiam sequer se dirigir a qualquer pessoa “ em voz alta e com insistência porém hoje é diferente apesar da resistência elas estão cada vez mais conseguindo espaço no mercado de trabalho. Eram vistas como algo “sujo”, como se fossem o lixo da cidade , algo nojento desprezível e hoje já tem projeto de lei para assinar suas carteiras como profissional do sexo.

3.2 As Personagens: Cremilda, Luíza e Mundoca.

Cremilda teve uma criação magistral, toda construída a partir das reminiscências dialogais de sua filha Luíza, é, do ponto de vista literário e humano.

Ela era uma mulher alegre, trabalhadora, esperta, vivia de lembranças (farturas das cheias do rio Parnaíba), organizada, costureira, mulher de negócios, verdadeira, mulher de negócio, revoltada (com a sociedade parnaibana), desenhada, beberrona, velha, arrogante, batalhadora, às vezes pensativa,

bruta, orgulhosa, marginalizada entre outras características físicas e psicológicas que podemos imaginar as quais não estão contidas na obra.

E quando me refiro às características da personagem: trabalhadora, esperta e batalhadora, Assis Brasil (2012, p.23) descreve o momento em que ela conseguiu comprar o pilador de arroz.

Os marinheiros sempre vinham jantar... Olhavam o armazém, “Cremilda, como foi que você conseguiu isso?”.

- Com o meu suor.

Se eles zombavam ela repetia:

- Com o meu santo suor – e fazia um gesto com a mão na testa, para dizer que tinha suado muito.

Para orgulhosa, revoltada, arrogante, bruta e novamente mulher de negócios, observa-se na obra a reação da velha Cremilda no momento em que a mesma perde o armazém, que houvera conseguido através de um ‘casamento por interesses’. Depois de anos de trabalho e dedicação, só lhe resta lamentar-se diante do fracasso. Brasil (2012, p. 32)

A gargalhada da mãe, a sua ironia – “mais de que adiantou tamanho sacrifício se eu sei, sempre soube, que um dia ia perder tudo? Mas foi divertido – no começo foi ainda mais divertido eu ganhava dinheiro, era uma mulher de negócio, cheguei até mesmo a esquecer quem era, quem um dia voltaria a ser.

Na obra vemos Cremilda se mostrar orgulhosa e revoltada quando vê sua casa ser arrematada no leilão, ela pega sua filha Luíza sem nem uma peça de roupa e vai a cidade tentar comprar outra casa com o dinheiro que conseguiu de suas poucas economias. Ela realiza o seu antigo sonho, o qual era ter uma casa na cidade, antes de morrer e abandonar o cais.

Cremilda então morreu sozinha, bêbada, numa noite de Natal. Foi enterrada com o dinheiro dado por um cliente de Luíza, ao qual esta retribuiu “com a consciência de um negociante”. Brasil (2012, p.120):

- Quem pagou o enterro?

- Um homem bom, que andou por aqui.

Sepultada sem a presença do padre, pelas mãos de estranhos, foi reconhecida e lamentada por poucos. Passado o funeral, as marcas da sua presença são sistematicamente eliminadas. A figura velha e rabugenta já não é mais um incômodo e a casa até parece maior.

Cremilda foi ‘despachada’ exatamente da mesma forma que havia feito com a própria mãe – primeiro a faxina, depois a volta do trabalho. O comportamento diante da morte se repete, caracterizando mais um ritual que assegura (inconscientemente, é bom lembrar) a permanência da praga tanto na vida, quanto na morte, as prostitutas são semelhantes entre si e o aprendizado desses costumes permanece indefinidamente. Se essas condições de morte são próprias do meio de vida do cais, as emoções experimentadas na hora da perda se revelam mais ordinárias, como a empatia.

A filha da personagem acima se chamava Luíza, que como descreve Cunha era uma “espécie de barro original”, ou seja, através dessa personagem são formados os outros personagens; ela vai contando as histórias para Mundoca sua filha, e percebe-se todo o desenrolar do ciclo de prostituição.

Seu sonho, sua luta, é a evasão do amor, num meio em que o amor tem câmbio específico. Apesar de ser uma prostituta, conhece o verdadeiro amor (Nuno), um marinheiro de embarcações seu primeiro homem com apenas quinze anos de idade. Realiza-se, consegue se vingar do destino e não percebe que de certa maneira venceu na vida ao não conseguir passar a tocha da degradação à sua filha: a prostituição.

Luíza era bonita, vingativa, romântica, vaidosa, não tinha ambição, e tentava ser uma mãe dedicada, e honesta. Diferente de sua mãe que tinha o espírito de grandeza, Luíza este não possuía, vontade de enriquecer.

O que comprova na obra que Luiza era de fato bela é a primeira vez em que Nuno ver ela e se apaixonam; ele pergunta de onde ela é, pois nunca tinha visto uma mulher tão bonita por aquelas redondezas. E ela diz que é do cais e vai ser enterrada no cais.

Na tentativa de ser uma mãe exemplar, ela coloca o nome de sua filha de Mundoca ao invés de Cremilda, como seria o habitual; na tentativa de interromper ao ciclo de sofrimento e desgraça. Brasil (2012, p.113):

Com Mundoca o velho cais teria um fim – a cidade crescendo, já falava em pista pra automóveis, em paralelepípedo – as casas de taipa não podiam ficar ali onde passariam novas ruas e avenidas – a polícia andava proibindo as mulheres de subirem nos gaiolas ou descerem nas barcas que chegavam. Tinha um guarda que até

espancava – vão fazer vida noutra lugar, desavergonhadas, não respeitam as famílias direitas.

Tudo teria um fim com Mundoca, àquela dinastia do cais. Aquele destino do cais.

Luiza conseguiu afastar Mundoca do convívio diário com a exploração sexual, o que acaba proporcionando “aprendizado” da sina, uma familiaridade que aproxima a mulher de seu destino e impede que a maldição do rio se decepe no seu tempo. Como mãe tentava evitar as gargalhadas e o barulho com os clientes para que sua filha não aprendesse.

Luiza foi vingativa, só que essa vingança era sentida no próprio corpo. Ela se vingou da mãe Cremilda e ao mesmo tempo se vingava dos desgraçados (os clientes). Era uma espécie de martírio o que praticava, aponto de não ir visitar a me no tumulto, pois sentida sua própria imagem suja e vergonhosa refletida no tûmulo de sua mãe.

A terceira principal personagem descrita na obra é Mundoca, filha de Luíza, dona de uma personalidade peculiar, Mundoca não reclama, sonha ou faz projetos. Parece ter nascido naturalmente desinteressada pelas coisas do cais e da via como m todo. Não brinca com a boneca Ceci, testemunha silenciosa do sofrimento da mãe e da avó: ao desprezar o brinquedo a menina despreza o passado de prostituição que ele presenciou.

Mundoca é um elo quebrado de uma cadeia. Parece estar fora do foco do romancista. Ao contrário das mulheres do cais, pensava em ganhar dinheiro trabalhando honestamente na cidade, nela se conclui o processo através do qual uma sociedade petrificada elimina as sementes inúteis. Conforme Brasil (2012, p.50):

O primeiro dia de emprego, ainda fedendo a peixe, um certo interesse pela cidade, não sabia conversar com as outras, as ruas movimentadas, o padrinho começou a ensinar atencioso, os cinemas bonitos, pegava na sua mãe para fazer o embrulho de ceda, quanto carro na praça da graça, as moças tampavam o nariz “você precisa lavar essas mãos emgardidas, Mundoca.

Mundoca no dia seguinte passou a noite lavando as mãos e perguntando para a mãe se ainda cheirava mal. Porém sua aparência física

espantava qualquer cliente da loja, seu Jacinto não sabia mais o que fazer, pois sua mulher tinha colocado a moça pra trabalhar por caridade para se promover socialmente e ficar comentando entre as amigas o feito.

A vaidade em ganhar dinheiro e estar na cidade era tamanha que Mundoca suportava as risadas e comentários das clientes da loja. Como ela é uma das desvalidas? O que está fazendo por aqui? Sua mãe Luíza se sentia em parte livre, por não depender de favores ou humilhações de gente tão arrogante, e aconselhava a filha a largar o emprego, pois, no cais a vida que levavam era suficiente para sobreviver.

Portanto, as personagens centrais do romance levam uma vida comum e trágica. Os acontecimentos se sucedem numa repetição dos dramas da vida.

Três mulheres com o mesmo destino: o das mulheres do antigo cais do Parnaíba, na cidade litorânea que recebeu o mesmo nome do rio, mas que é o retrato de inúmeras outras cidades, com dramas e fantasias semelhantes. Conhecem sempre os mesmos homens, com suas formas de viver, suas maneiras de encarar a vida, as aventuras do rio, os fardos de arroz, feijão, farinha, algodão nos ombros largos e fortes, o pirão de peixe, o cheiro de fumo e cachaça, o amor nas noites quase sempre iguais.

Cremilda, Luíza e Mundoca são mulheres do cais predestinadas a uma vida extremamente marginal, com fugazes instantes de alegria e descontração.

As personagens em *Beira Rio Beira Vida* fogem da perspectiva proposta pelo romance, não são marionetes nas mãos do escritor, elas vivem por si sós como se fossem reais. Assis Brasil não impõe as regras do jogo e rompe assim com certas modas do momento.

3.3 A Prostituição na Obra.

A prostituição em **Beira Rio Beira Vida** acontece da seguinte forma: a velha Cremilda nasceu de um relacionamento ilícito entre uma jovem pobre e um rapaz de família rica. Essa mulher se encontrava com esse homem sem que a sociedade soubesse, e destes encontros ela engravida. A mãe do rapaz manda prender a moça E a mesma chora e grita todas as noites, então aqueles que a

aprenderam não conseguiam dormir com tanto barulho e se sentem culpados por tamanha maldade.

Ela sobrevive na cadeia de caridade de alguns, e ali mesmo a mãe do rapaz quer obrigar a mulher da à luz o filho, mas o padre Gonçalo interfere e sugere que leve ela a Santa Casa para ter a criança. Pelas recordações contadas essa seria a sua avó (a filha do meio-quilo).

Desse modo se inicia o ciclo de prostituição a chamada “mancha de Parnaíba”, as “desvalidas” que nasceram para receber esmolas, e os demais habitantes de Parnaíba nasceram para entregar.

Luíza cresce vendo a mãe, se relacionando com diversos homens dos quais era obrigada a tomar benção como se fosse seu pai. As prostitutas tem uma mascara da qual incorporam e saem de si, e deixam ser usadas pelos homens. Presencia diversas vezes a mãe dar gargalhadas, mas não entende se é de alegria ou dor, pois essa mascara Cremilda sabia usar perfeitamente.

A primeira menstruação de Luíza é o momento do qual define seu lugar no mundo. Brasil (2012, p.41):

Alguma coisa escorria nas minhas pernas.

- Quero ir pro cais, mãe.

Apesar da infância convivendo com a prostituição, a primeira menstruação é a porta de entrada para vida de exploração e humilhação. Luíza não sabia o que fazer, quando elas (Cremilda e Luíza) chegaram à ponte, criou coragem e falou. Brasil (2012, p.41):

- Mãe, vou no mato.

Ela não disse nada, saí correndo.

Só depois que Luíza levanta e percebe a calça suja de sangue. Procura se tinha se cortado, se algum bicho tinha mordido mais nada, correu na direção da mãe e disse. Brasil (2012, p. 41):

- Minha calça está suja de sangue.

Ela sente que fora atingida por um castigo, ao perceber sua calcinha suja de sangue, lembrou-se dos panos sujos de sua mãe e de repente se via suja

como ela. Mas Cremilda fala deixa de ser besta você agora já pode ter homem. Brasil (2012, p.41):

- É assim mesmo, toda mulher tem isso, você agora já é uma mulher.

Que eu poderia pensar Mundoca?

A partir desse instante Luíza não vê sentido na sua vida, varias indagações surge na mente, sente impossível de sonhar com um futuro diferente, se fora atingida pela maldição. Cansada dever os panos sujos da mãe, a vida que ela levava aqueles homens – juntava tudo que via com o tipo de vida que ela tinha. E de repente via-se suja como ela. A única alternativa era aceitar o destino cruel: a prostituição. Brasil (2012, p. 42):

- Agora você pode ter homem, besta. E até que pode ajudar sua velha mãe.

Luíza fica encabulada e um pouquinho feliz, vaidosa. Ela uma novidade sentia que conversava com sua mãe de igual para igual. Mas por outro lado veio a tristeza fora atingida, sua vida seria igual à dela, quer quisesse ou não. Jurava que só uma mulher da iguala de minha mãe tinha aquilo, era como uma sina um castigo, uma espécie de marca. Era o fim.

A prostituição da forma como é descrita por Assis Brasil na obra é predestinação. O fato de nascer já faz com que as personagens se sintam marginalizadas a serem prostitutas. O caos existia para isso e nada mais, pessoas que ali nasciam já sabiam que o destino era viver naquela vida miserável e a margem da sociedade, era pagina a parte da historia parnaibana.

RAGO (1991, p.21), afirma que:

[...] a prostituição é focalizada tanto como resposta a uma situação de miséria econômica, quanto como transgressão a uma ordem moral acentuadamente rígida e castradora. “Queda abismal” em relação a um centro da normalidade, sua função principal seria a de aliviar esporadicamente a tensão criada pela imposição de estritas regras de comportamento sexual, permitindo aos homens e mulheres “desviantes” dar razão aos impulsos libidinais represados no interior da família nuclear.

Dessa forma a prostituição é um trabalho difícil, tanto em termos físicos quanto emocionais. As carreiras das prostitutas são curtas, muitas contraem doenças sexualmente transmitidas e morrem cedo; algumas conseguem deixar a

prostituição e fazem bons casamentos às vezes com ex-clientes ou com empresários e comerciantes e conseguem ser boas mães e donas de casa.

4. METODOLOGIA.

Com a obra *Beira Rio Beira Vida* do escritor piauiense Assis Brasil, procuramos realizar uma análise em torno do discurso da prostituição.

Na pesquisa o método analítico, no qual a leitura se faz imprescindível para a coleta das informações, foi utilizado durante todo o percurso na montagem deste trabalho. Utilizou-se além da obra, uma seleção crítica para fontes teóricas, indicadas pelo orientador e em segundo plano o uso da internet, para ajudar com periódicos disponíveis com mais informações acerca do assunto.

De acordo com, Gil (1991, p.273) As Pesquisas descritivas deste tipo têm como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, e têm também por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, opiniões, atitudes, crenças, etc. As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática.

E a pesquisa bibliográfica abrange a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, documentos, mimeografados ou fotocopiados, mapas, imagens, manuscritos etc.

Todo material recolhido deve ser submetido a uma triagem, a partir da qual é possível estabelecer um plano de leitura. Trata-se de uma leitura atenta e sistemática que se faz acompanhar de anotações e fichamentos que, eventualmente, poderão servir à fundamentação teórica do estudo.

Sendo assim, este estudo de caráter especificamente bibliográfico e analítico descritivo, pois, resulta na apresentação e discursão do tema “Prostituição” exposta na obra de Assis Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Beira Rio Beira Vida de Assis Brasil, nos mostra que viver do passado pode ser muito perigoso. Se o relembrar é fundamental no conhecimento das origens e na construção da identidade, apegar-se em demasia ao passado é prejudicial para a transformação da sociedade. O passado perpetua preconceitos e discursos conformistas. No romance, ele é responsável pela “sina do cais”; o ciclo de prostituição. O recordar da personagem Luíza, entretanto possui um traço inusitado que faz toda a diferença: ele é crítico e pretende mudar o comportamento da filha Mundoca.

O cais na obra não é somente o lugar da marginalização e da miséria, é o ponto de contemplação do que não se tem. O rio ou a existência passam pelo cais, sem que se possa ali viver no sentido amplo do termo. Os breves contatos da vida com o cais, representados pelas gravidezes das prostitutas, são o pequeno quinhão que recebem os que estão à beira do rio, à beira da vida, em ciclo eterno e mítico, explicável tão somente pelas forças que mantêm tudo e todos do mesmo jeito de sempre.

Afinal ao longo deste trabalho foi mostrado um pouco sobre o discurso da prostituição, abordando a origem das prostitutas e o perfil das personagens na obra. Assim como a sociedade parnaibana se comportava em relação ao assunto hoje em plena atualidade vemos pessoas agirem da mesma forma. As prostitutas são antes de tudo “ser humano” mulheres fragilizadas e com carência de oportunidades no meio social, falta de emprego, rejeição da família e a omissão das pessoas em geral.

6. REFERENCIAS.

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. 3ed. Perspectiva: São Paulo, 2007 a. _____ . **O que é a literatura**. Tradução Nestor de Sousa e Irineu Garcia. Salvat Editora do Brasil S.A; Rio de Janeiro, 1979 b.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética. A teoria do romance**, 4 ed. UNESP HUCITEC. 439 p.

BRASIL, Assis. **Beira Rio Beira Vida**. Teresina: FUNDAÇÃO QUIXOTE, 2012.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de Ficção**.11 ed. Perspectiva: São Paulo, 2009.

_____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8ed. São Paulo, 2000.

CULLER, J. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução de Sandra V. T. Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

FOGGETTI, Maria Janaína. **Fado e morte na Tetralogia Piauiense: uma estética da miséria humana**. 2006.128f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2006.

FOUCAULT, Michel. Linguagem e Literatura. In: MACHADO, Roberto. **Foucault, a Filosofia e a Literatura**. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2000.

MACHADO, Irene A. **O romance e a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin**. Rio de Janeiro: Imago Ed., São Paulo: FAPESP, 1995.

MOURA, Francisco Miguel de. 2005. **A apresentação de Bandeirantes, de Assis Brasil, na academia de Letras**. Disponível em:

<http://www.secrel.com.br/jpoesia/@fma.19/html>

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(x) Monografia
() Artigo

Eu, **Dâmaris de Almeida Ferreira Hipólito**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **NAS MARGENS DO CAIS, NAS MARGENS DA VIDA: o discurso em torno da prostituição na obra Beira Rio Beira Vida de Assis Brasil** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 05 de Maio de 20 16.

Dâmaris de Almeida Ferreira Hipólito
Assinatura

Dâmaris de Almeida Ferreira Hipólito
Assinatura